

Não é justo!

Um livro para aprender
a compartilhar

Sue Graves



SUPLEMENTO DIDÁTICO

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS E DE ATIVIDADES ELABORADAS POR:

Andréa Cristina Felix Dias – Professora do ensino fundamental, psicóloga, mestre e doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento na área de Moral e Ética pela Universidade de São Paulo, formadora em cursos de pós-graduação em Educação Infantil e Alfabetização.



A OBRA

A professora Cláudia preparou para seus alunos uma estação espacial. Para organizar a brincadeira sorteou três alunos para brincar: André, Paula e Beto. Porém, Paula quis usar todos os materiais sozinha, sem compartilhar, vestiu as botas, o capacete, apertou todos os botões e alavancas. Beto ficou muito chateado e a empurrou. André também ficou

chateado e arrancou o capacete de Paula. Então, a professora ficou muito zangada e tirou os três da brincadeira.

Cada um dos personagens vai para um lugar da classe e se acalma. Mais tranquilas, as crianças percebem que podem compartilhar os brinquedos e respeitar a vez dos outros. A professora resolve dar uma nova chance para que as crianças brinquem na estação espacial. Eles se revezam no uso dos materiais e percebem que assim é muito mais divertido.

TEMAS ABORDADOS

- Comportamento
- Emoções, sentimentos, sensações
- Ato de compartilhar
- Normas sociais
- Convívio
- Relações entre crianças

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

Formação do leitor

Para favorecer o desenvolvimento da linguagem, um trabalho consistente com a leitura deve acontecer sempre na escola, uma vez que favorece a ampliação do vocabulário, estimula a imaginação, além de dar oportunidade para discussões de temas interessantes (como no caso desses livros), como a convivência e os sentimentos envolvidos nas relações. É imprescindível que o professor dedique um momento da aula, todos os dias, para ler e discutir estas leituras com seus alunos, ampliando os olhares e ajudando as crianças a aproveitarem todos os aspectos que aquela obra pode suscitar.

As crianças pequenas aprendem no convívio com os adultos e com outras crianças como nomear e expressar seus sentimentos. As emoções à flor da pele encontram nas palavras uma espécie de contorno, um nome que as ajuda a enfrentar esses afetos e direcioná-los para superar momentos difíceis, dar significado ao que foi vivido e fortalecer suas identidades.

O livro *Não é justo? – Um livro para aprender a compartilhar* traz uma história na qual é possível explicitar aos alunos como

exteriorizar as emoções sem ser agressivo e como compartilhar uma brincadeira. Essa situação, tão frequente na escola, pode ser amplamente explorada em discussões que propiciam um trabalho para a formação da personalidade das crianças em seu aspecto moral. O desenvolvimento da moralidade é um processo de construção que se inicia desde o nascimento; questões como as relações humanas, o respeito a regras e os famosos limites estão sempre presentes na vida das crianças. No convívio escolar, essas questões se tornam ainda mais cotidianas, cabendo à escola e ao professor uma atuação que ajude a criança a compreender regras e valores, direcionando o olhar dos pequenos para a construção do bem comum.

A formação da personalidade moral

O desenvolvimento moral é um processo que não é só cognitivo, mas também afetivo, social e cultural. Identificar o que é certo e o que é errado, agir em um grupo buscando o bem comum, ser respeitoso com os outros e consigo mesmo, realizar-se como pessoa; esses são alguns dos principais aspectos que envolvem o desenvolvimento moral. Desde os primeiros contatos sociais que o bebê estabelece com a mãe, o primeiro “Não!”, as primeiras regras e imposições dos adultos, a criança vai aprendendo a discernir: quem sou eu, quem são os outros, e busca ativamente os melhores modos de se relacionar.

A escola tem identificado seu importante papel nesse processo, e vem ampliando sua atuação para além da simples transmissão de informações. Sabemos hoje que é fundamental que o aluno possa ver sentido nos conhecimentos que são ensinados, e mais que isso,

que a escola forma valores, educa no amplo sentido dessa palavra.

Os professores precisam atuar de modo intencional nessa área; no entanto, assim como apontado nos Referências Curriculares Nacionais (PCN), não é necessário criar aulas especiais para a Educação Moral dos alunos. As situações vividas, especialmente o tempo e o espaço reservado para a convivência, são mais importantes do que aulas com exposição de “bons modelos” de comportamento. O que se faz necessário é a reflexão a partir dessas vivências, a explicitação de valores e a sistematização das regras e seus princípios. Esses conceitos devem ser trabalhados sempre de modo transversal ao currículo e, preferencialmente, em projetos interdisciplinares. É nesse sentido que estamos propondo o trabalho com este livro.

Por que trabalhar esses temas com crianças pequenas?

Como já citamos, a criança constrói desde cedo um conjunto de valores pessoais. Essa construção parte de experiências e ensinamentos vividos na família, nos grupos sociais que frequenta, na escola e também dos sentimentos com relação às pessoas, simpatias e antipatias, generosidade e agressividade, e assim por diante. Sentimentos essenciais ao desenvolvimento moral como a vergonha, a indignação, a culpa e a confiança aparecem logo nos primeiros anos de vida.

Os pequenos ficam indignados quando não recebem a mesma quantidade de refrigerante que seu irmão, por exemplo, ou se magoam quando uma promessa não é cumprida por seus pais. Desde os 3 ou 4 anos de idade, as crianças experimentam até mesmo

certo desconforto quando fazem algo errado, como quebrar um objeto da sala. Dizem “não é justo” ou “foi sem querer”, mesmo antes de entender conceitos de justiça ou intencionalidade.

Os sentimentos são uma espécie de porta de entrada da criança no mundo moral e são a fonte de comportamentos de obediência e respeito ao outro, ainda que dependentes dos adultos, das figuras de autoridade. Quando a criança pode nomear o que sente e entender esses sentimentos, eles servirão de base para a compreensão das relações com as outras pessoas. É essa compreensão, juntamente a uma noção cada vez mais clara de quem se é, que libertará a criança da necessidade de outras pessoas indicarem a ela o que é certo e o que é errado. A formação de uma personalidade moral autônoma depende de uma percepção de si mesmo, de seu papel no grupo, das consequências de suas ações e da noção de responsabilidade.

Desse modo, quando indicamos a importância de uma educação que trabalhe os sentimentos não estamos falando de sermos carinhosos com nossos alunos ou de um professor que se declara magoado quando seu aluno desobedece. Estamos propondo estratégias para que os sentimentos vividos na escola, no convívio social, como medo, frustração, raiva etc. tenham a possibilidade de ser pensados e refletidos com o apoio do professor.

Fazer uso de histórias simples como as que aparecem no livro *Não é justo? – Um livro para aprender a compartilhar* é um ótimo recurso para abordar essas questões sem invadir a privacidade das crianças. Em vez de expor um aluno, ou uma situação concreta para tematizar uma discussão sobre o que sentimos, pode-se propor uma conversa sobre o modo como os personagens do livro

interagem, aproximando as crianças do tema e estimulando-as a falar espontaneamente sobre si mesmas.

Egocentrismo, convívio e generosidade

As crianças pequenas pensam o mundo apenas sob seu ponto de vista, e essa característica, o egocentrismo, acontece porque os pequenos ainda não são capazes de compreender que outras pessoas possuem sentimentos e desejos diferentes dos deles numa mesma situação. Por volta dos 2 ou 3 anos de idade começam a conviver mais com outras pessoas. Ao ampliar seus vínculos, começam a perceber que nem sempre terão suas vontades satisfeitas, precisam aprender a dividir, compartilhar espaços e materiais durante as brincadeiras.

Na escola, podemos observar como esse processo de perceber-se parte de um grupo; trocar e compartilhar não é simples. Aparecem muitos conflitos entre as crianças e muitas não aceitam dividir a atenção dos adultos, compartilhar materiais, e esse é um grande aprendizado.

Por outro lado, desde muito pequenas, as crianças admiram atos de generosidade, bondade e gostam quando outros compartilham com elas seus brinquedos e materiais. Cabe ao professor observar e valorizar situações nas quais essas ações acontecem espontaneamente, além de estimular outras. O sentimento de simpatia faz com que as crianças admirem quando outras são generosas e sabem como compartilhar.

A generosidade é uma virtude, ser generoso não depende da justiça, pelo contrário, ser generoso é dar às outras pessoas algo que percebemos que está lhes faltando, ainda que

essa necessidade não se trate de um direito da outra pessoa. As crianças são sensíveis aos sentimentos das outras e, com essa sensibilidade, acabam conseguindo superar o egocentrismo e podem aprender a compartilhar não por imposição dos adultos, mas pelo desejo de ser admirado.

Se quiser explorar ainda mais profundamente a virtude da generosidade com seus alunos, sugerimos a leitura do capítulo sobre o tema no livro do filósofo André Comte-Sponville, *Pequeno tratado das grandes virtudes*.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Professor, vamos expor aqui sugestões de atividades a serem desenvolvidas, preferencialmente com alunos de educação infantil ou dos primeiros anos do ensino fundamental (crianças de 3 até 8 anos de idade). Essa sequência tem como base o livro estudado e busca favorecer o desenvolvimento moral dos alunos. Fica a seu critério aproveitar as propostas, adaptando-as ao perfil de suas turmas. Não é necessário realizar todas elas, você pode escolher as que mais se adequarem ao seu grupo.

ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

1. Proponha brincadeiras de faz de conta com uma quantidade limitada de materiais, tal como fez a professora da história. Antes de começar a brincadeira, avise seus alunos dessa limitação e informe que terão de dividir os brinquedos de modo que todos possam brincar e se divertir. Ainda que tenha essa conversa, é possível que durante a brincadeira aconteçam alguns conflitos. Após a brinca-

deira converse com seus alunos sobre esse momento: O que acharam? Qual foi a melhor parte? Houve algo difícil? Registre essa discussão e retome a conversa após a leitura.

2. Mostre o livro para seus alunos e explore os elementos presentes na capa. Antes de ler o título, pergunte a eles se imaginam como será a história: Por que a menina parece estar fugindo dos garotos? O que será que vai acontecer? Leia o título e compare com as ideias que surgiram. Pergunte se eles sabem o que compartilhar: Por que temos essa cena da menina fugindo com o brinquedo num livro com esse tema? Não exponha suas opiniões, mas vá esclarecendo os temas ao longo da história.

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

1. Organize sua turma em roda ou sentados a sua frente, de modo que todos possam observar as ilustrações ao acompanhar sua leitura. A cada página lida, mostre as imagens para seu grupo e comente sobre a palavra em destaque.

2. A história começa com a preparação que a professora fez de uma estação espacial; leia as descrições dos espaços e materiais. Interrompa a leitura na página 3 e peça que seus alunos imaginem como a história vai continuar: Será que todos vão conseguir brincar ao mesmo tempo? Se nenhum aluno levantar uma questão continue a história; se eles imaginarem problemas, como o fato de não haver botas e capacetes para todos, converse com o grupo sobre possíveis soluções (um sorteio, por exemplo).

3. Em seguida, sorteie as crianças que poderão brincar primeiro. Explique aos alunos que eles devem respeitar a vez do outro e

compartilhar. Investigue se seus alunos compreenderam essa instrução: O que é compartilhar?

4. A menina Paula age de modo egocêntrico, usa todos os materiais ao mesmo tempo e não deixa os colegas brincarem. Novamente, interrompa a leitura na página 9 e observe a opinião de seus alunos sobre as atitudes da menina e possíveis soluções para os meninos: Qual seria o melhor modo de resolver esse problema? Procure direcionar a conversa para que seus alunos percebam a necessidade de pensar no coletivo, se todos utilizarem os brinquedos um pouco ninguém ficará triste. Procure ouvir seus alunos primeiro, mas, depois, coloque também sua opinião, explicitando valores e regras da escola.

5. Os meninos ficam zangados e reagem com atitudes agressivas. Essa postura também faz com que a professora fique zangada e todos perdem a chance de brincar. Essa é uma boa oportunidade para conversar com seu grupo sobre regras. Em uma escola é proibido bater ou empurrar os colegas, e a professora precisou interferir para que os alunos tomassem consciência de suas ações. Nesse caso, apesar de ser possível discutir as opiniões de seus alunos sobre as ações dos personagens, é importante deixar claro que quando se trata de uma regra todos devem cumpri-la independente de estarem zangados. Os meninos deveriam ter pedido a ajuda da professora antes de agredir a colega.

6. Depois desse episódio todos se separam para se acalmar, incluindo a professora. Mais calmos, percebem o exagero da situação e como poderiam agir melhor. Com a ajuda da professora, voltam a brincar, dessa vez, compartilhando os materiais. Termine a leitura conversando com os alunos sobre as novas atitudes das crianças.

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

1. No dia seguinte à leitura, sente-se com seu grupo em roda, retome a leitura do livro e compare com situações de brincadeiras vividas em sua classe: Nós sempre conseguimos compartilhar bem os espaços e materiais para as brincadeiras? Caso os alunos não se lembrem de nenhum conflito, exponha suas observações sobre eles. Faça essa discussão de modo natural, comente com as crianças que dividir não é mesmo uma tarefa fácil, mas é um dos assuntos mais importantes que irão aprender na escola.

2. Em um papel bem grande, peça que seus alunos façam um desenho coletivo. Antes de começar, planeje com eles o que será desenhado e faça intervenções propondo trabalhos em conjunto (lembrando que esse é o grande desafio): Vamos fazer uma casa aqui, então, você faz o telhado e ela faz as paredes; Ali teremos um caminhão? Você faz a carroceria e você as rodas, e assim por diante. Acompanhe de perto o trabalho das duplas e faça intervenções sempre que necessário para evitar os conflitos.

3. Proponha uma brincadeira com brinquedos trazidos de casa. Antes, explique que os alunos devem trazer um brinquedo que possa ser emprestado aos colegas. Durante a brincadeira, proponha que cada um brinque com algo diferente do que trouxe,

que use um brinquedo do colega. Depois da brincadeira, mostre como é simples e importante compartilhar seus brinquedos com os colegas.

4. Leia outras histórias nas quais aparece a generosidade dos personagens como a fábula “O leão e o ratinho” ou os contos “O pequeno herói da Holanda” (Bennett), ou “A menina dos fósforos” (Andersen). Nessas leituras ressalte como os personagens se preocupam com o bem-estar de todos antes de se preocupar consigo mesmo – uma característica da generosidade.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O PROFESSOR

- BENNETT, William J. *O livro das virtudes para crianças*. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.
- BLOOM, BECKY. *Por favor, obrigado e desculpe*. São Paulo: Brinque Book, 2003.
- ROCHA, Ruth. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Salamandra, 1994.

Para saber mais sobre o desenvolvimento moral e trabalho com virtudes:

- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- TAILLE, Yves de la. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. São Paulo: Art-med, 2006.